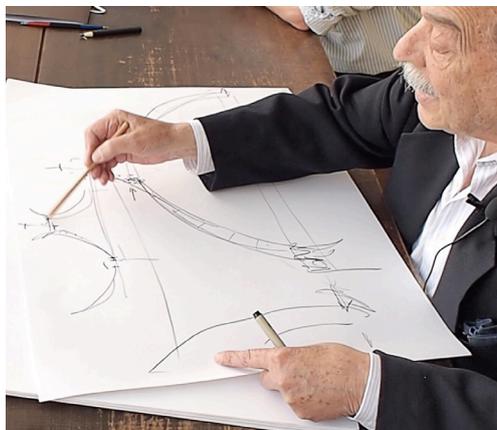


## \_editorial



**A**presentamos esta edição temática da Revista Risco sobre Desenho, agora sob uma ótica ampliada. Os textos que compõem este volume podem ser alinhados a partir do sentido costumeiro entre arquitetos e urbanistas brasileiros do conceito de Desenho. A primeira e habitual referência é Vilanova Artigas, sua aula inaugural aos alunos da FAU-USP, em 1 de março de 1967, momento em que define Desenho tanto como a linguagem da técnica, como a linguagem da arte. Mais que uma ação instrumental, o ato de desenhar, para Artigas, relaciona a história e o momento presente em um gesto carregado de intencionalidades. Desenhar é Designar, é Projetar. As práticas e procedimentos relativos ao gesto de grafar ideias e processos afetam e são afetados pelos modos do pensamento. As contribuições aqui reunidas percorrem, então, tais sentidos do Desenho.

No artigo “Traduzir para criar: literatura e ensino de projeto”, que abre esta edição temática da RISCO, Luís Antônio Jorge discute as motivações e processos disparadores de projeto por meio de “operações tradutórias, invariavelmente, entre sistemas de linguagens distintos ou intersemióticas”, nas palavras do autor. Uma seleção rica de trabalhos finais de graduação, desenvolvidos na Faculdade de Arquitetura da USP, nos coloca uma diversidade de escolhas e decisões projetuais. O eixo da tradução intersemiótica, comum aos trabalhos discutidos, traz questões acerca da criação como uma ação cultural antes de tudo. Ao desenharmos uma casa ou um livro, desenhamos nossos afetos, nos representamos em nosso tempo presente. A relação entre palavra, desenho e intencionalidade também é discutida no artigo “Deambulação e espacialidade em Paranóia (1963)”, mas agora na dimensão urbana. Os autores - Gambardella, Castral e Lancha - abordam os desenhos e os *não-desenhos* dos percursos trilhados pelo poeta Roberto Piva e pelo artista Wesley Duke Lee por meio das análises dos índices presentes no fotolivro Paranóia.

**Figura:** Desenho sendo feito por Paulo Mendes da Rocha, São Paulo, 2012. Fonte: Fotografia de Paulo César Castral, Acervo do Grupo N.ELAC - IAU/USP.

Na prática do projetar em escritórios de arquitetura e urbanismo, a presença do desenho é problematizada por meio da discussão de dois artigos de arquitetos com produções relevantes na atual produção paulista. Angelo Bucci traz em seu artigo “Desenhos de uma casa” uma discussão dos desenhos que motivaram os desenhos do projeto da obra “Casa de fim de semana em São Paulo”. O desenho é entendido como um território mais aberto às dúvidas do que às certezas. E essa abertura cognitiva própria do desenho que permite, em seu processo projetual, que a representação arquitetônica tradicional possa dialogar com os outros tipos de desenhos que motivaram as formas e espacialidades propostas.

No artigo “Desenho: espaço de diálogo” Vinicius Andrade traz um desenho que pode ser caracterizado como um dos meios mais dóceis inventados pelo homem para se expressar. Atende demandas diversas, tendo seu grau de informação podendo variar da mais baixa até a mais alta definição. Este caminhar, nem sempre linear, por entre tais possibilidades do desenho é trazido, no artigo, como o espaço mediador do processo projetual do escritório Andrade e Morettin. A partir da discussão da obra “Residência Jardim Europa - 2013”, o autor vai caracterizando como o projetar se confunde com o próprio ato de um desenhar coletivo.

O Desenho tem seu sentido ampliado quando ocupa o espaço dos meios digitais. As questões próprias do observar e do criar, utilizando as plataformas digitais, são discutidas nos dois artigos seguintes. O primeiro texto, apresentado por Giulia Ravanini Silva e Simone Helena Tanoue Vizioli, tem como foco de discussão como as questões relativas à fotogrametria problematizam um território híbrido, próprio à atualidade das tecnologias de representação. A condição do desenho em nos possibilitar registrar, investigar e inferir sobre os objetos do mundo, por meio dos recursos dos meios digitais, tem sua definição ampliada e seus limites borrados. Os resultados do workshop discutido no artigo, bem como outras experiências apresentadas, têm em si os procedimentos próprios do olhar atento do desenho. No entanto, ao ter um modelo 3D digital como formato de saída dos dados, atualiza toda uma tradição de representação em maquetes e modelos no campo do desenho digital. O segundo texto, de Renato Anelli, traz a discussão dos modos digitais de desenho geradores de formas complexas aplicados principalmente em uma prática didática do ensino de projeto. Uma linha histórica de experimentações entre materialidades e formas, também complexas, motiva as problematizações apresentadas no artigo. Retomando projetos de Oscar Niemeyer e Lina Bo Bardi, apontam-se possibilidades de enfrentamento das contradições inerentes às experimentações digitais encontradas nas práticas discutidas.

Por fim, temos como último artigo um estudo atento sobre as particularidades e recorrências entre os desenhos das duas escolas de arquitetura envolvidas no acordo que motivou as reflexões desses dois números especiais dessa revista. O sentido de desenho e escola é abordado pela discussão de Miranda Neidel e Givaldo Medeiros desde suas noções mais elementares até o sentido amplo do termo. Escola do Porto e Escola Paulista perdem a generalidade, que é própria do uso corrente, em favor da constituição de contornos e texturas importantes para fornecer subsídios para a atual discussão de arquitetura e cidade.

Encerrando esse número da Risco, trazemos as entrevistas com Paulo Mendes da Rocha e Daniele Vitale que nos conduzem à visões sobre o projeto e o ensino de arquitetura e urbanismo vinculadas a uma historicidade muito própria de cada entrevistado. Carreiras marcadas pelo olhar crítico, temos a contribuição de um desenho cuidadoso que foi sendo construído ao longo de uma vida dedicada ao ofício de projetar e ensinar um viver em sociedade.

Uma boa leitura a todos!

Maria Madalena Ferreira Pinto da Silva  
(Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto - Portugal)

Vitor Manuel Oliveira da Silva  
(Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto - Portugal)

*In Memoriam de Francisco Barata Fernandes (1950-2017), personagem fundamental e querido na arquitetura portuguesa e nos diálogos que fundam esta edição temática da Risco.*